

**Entrevista.** O realizador russo Andrei Nekrasov mostra hoje no DocLisboa o seu documentário 'Rebellion: The Litvinenko Case' (Culturgest, Grande Auditório, 14.30), um libelo em toda a linha contra a Rússia "oligárquica" de Putin, a partir do assassinio em Londres do ex-agente do KGB

# “A atmosfera é estalinista”

EURICO DE BARROS

**O seu filme intitula-se 'O Caso Litvinenko', mas Alexander Litvinenko serve-lhe de trampolim para denunciar a grave situação que se vive na Rússia, e acusar Putin de a ter causado. Era esta a forma original do documentário?**

Não, era algo diferente. No início da "era Putin", comecei a interessar-me mais por política - a minha formação é artística. Algo começou a acontecer nessa altura, no início deste século. Eu estava a planear fazer um documentário sobre não-conformistas, pessoas que não eram complacentes com o que estava a acontecer e não tinham medo de dizer "não". E o Litvinenko era uma delas, bem como a Poltkovskaya, e até eu mesmo. Mas falei com ele - adorava falar horas a fio -, e deixei-me influenciar, porque era um homem de "dentro" do sistema e disse-me coisas de arrepiar, chocantes. Ele fez-me perceber que as coisas não tinham começado a ficar más com Putin, mostrou-me o lado escuro da Lua. E sob a sua influência, rodei *Disbelief*, em 2004, um documentário sobre o atentado de 1999 em Moscovo, que deu origem à guerra na Chechénia. Quando o Litvinenko se exilou em Londres estava muito activo, a escrever para *sites* na Internet, e essa deve ter sido uma das razões porque foi morto. E quando ele foi envenenado, tornou-se "no" herói da oposição. Como tinha muito material filmado com ele, decidi fazer este documentário.

**Ou seja, apesar de ter sido agente do KGB e do FSB [sucessor deste], Litvinenko tornou-se num dos seus não-conformistas.**

Sim. É que era fácil para mim ser não-conformista, nunca tinha pertencido ao sistema, tinha lido *O Arquípélago de Gulag* aos 15 anos. O Litvinenko nunca leu o *Gulag*, só começou a perceber o que tinha acontecido na época de Estaline quando foi para Inglaterra. Mas ele já era moralmente muito maduro nessa altura, e essa maturidade não vinha dos livros ou da experiência. Vinha de uma espécie de imperativo moral interior que ele tinha.

**O que aconteceu na Rússia entre a queda do comunismo e a época de esperança na democracia, e o advento de Putin? Há um momento de viragem decisivo?**

O Litvinenko e eu concordávamos que esse ponto de mudança foi o começo da primeira



“Deixámos instalar-se na Rússia uma ideologia criminoso”, diz o realizador Andrei Nekrasov, que era amigo de Alexander Litvinenko

guerra na Chechénia. E um pouco antes, o bombardeamento do Parlamento, que foi ilegal. Eu nessa altura era pró-Ieltsin, porque havia o medo do regresso do comunismo, e o Parlamento era vagamente pró-comunista. No entanto, foi um acto antidemocrático, as pessoas tinham sido eleitas. Mas foi essa guerra brutal e injustificada que marcou o fim da democracia russa. Mesmo assim, a liberdade de expressão que existia nos anos 90 acabou com a guerra. Deu-nos esperança e fez muita gente apoiar Ieltsin e dar-lhe outra oportunidade. Mas já então Litvinenko sabia quão criminoso e corrupto o sistema era, como a guerra se travava pelos recursos, por dinheiro, pelas terras. Muito do que é mau sob Putin foi preparado fria e clinicamente nessa altura por muita gente na Rússia, incluindo os chamados "reformistas".

**A certa altura do filme, Litvinenko diz que na ex-URSS havia duas ideologias, a do comunismo e a criminoso. E que agora só existia a criminoso. É assim?**

Exactamente. E nós deixámo-la instalar-se.

**Teve problemas na Rússia durante a rotação do documentário?**

Bem, fui seguido, mas isso já tinha acontecido quando fiz o *Disbelief*, até me roubaram uma cassette com uma entrevista a um dos agentes do FSB dissidentes. Sabe, na Rússia costumamos dizermos que é melhor que o FSB tenha um caso legal contra nós, porque não nos matam, têm que ir aos tribunais. Mas se não têm nada e nos odeiam, aí é que nos matam mesmo.

**O FSB faz parte desse sistema repressivo, ou é só um instrumento dele?**

Não. Faz parte integrante dele, manda. É em simultâneo um instrumento e o poder que o usa. E não tem nada acima dele. A única rivalidade existente é dentro dos clãs do FSB, como sucede na Mafía. E há ainda os oligarcas, que são ou ex-comunistas, ou tecnocratas. Estas duas facções guerreiam-se, mas a facção FSB/militares ganhou. Isto é muito esquemático, claro. Por exemplo, Berezovski e Abramovich, ambos judeus, apoiaram Putin, mas agora o primeiro é contra ele e vive refugiado em Inglaterra; e o segundo, além de dono do Chelsea, é o governador de Chukotka. É, tecnicamente, elite oligárquica russa. E os tipos do FSB e alguns militares são também oligarcas.

**Como é que definiria então o actual regime russo?**

Tecnicamente, é uma oligarquia, mas camuflada. Putin é visto pelo povo como um anti-oligarca, mas há muito mais oligarcas agora,

## perfil

- Nasceu em Sampetersburgo, em 1959
- Assina documentários de televisão e cinema desde 1987, alguns dos quais sobre a guerra na Chechénia
- Realizou para a BBC, este ano, outro documentário sobre o caso Litvinenko, 'My Friend Sasha: A Very Russian Murder'

e muito mais ricos, do que dantes. E a camuflagem é este discurso: viva a Rússia; a desigualdade e a falta de liberdades são muito menos importantes do que a tarefa de reconstruir o império; estamos cercados de inimigos; orgulho nacional; o Oeste é nosso inimigo, tal como todos estes jornalistas e outros que atacam Putin. Como Litvinenko. Mentalmente, e ironicamente, a atmosfera é estalinista. Mais do que noutros tempos.

**Putin mandou matar Litvinenko?**

Há muitos pontos de interrogação, há várias teorias. Mas é importante chegar ao fundo das coisas. Pode ter sido uma ordem directa, uma acção emotiva, irracional, ou um equívoco: alguém que tomou um desabafo violento por uma ordem. E foi uma operação muito sofisticada, *high tech*. Isto ainda não acabou e quero que esta história seja conhecida.

**Este documentário pode visto na Rússia?**

Teoricamente, sim. Os meus amigos da oposição - Kasparov, etc - estariam dispostos a isso. Mas comercialmente, nos cinemas, não. Muito menos na televisão, que é muito mais importante do que o cinema. ■

## Tragédia do Katrina por Spike Lee encerra o DocLisboa

Em 2006, estreou-se no canal HBO o gigantesco documentário (em todos os sentidos, dura quatro horas) *When the Levees Broke*, no qual Spike Lee conta a tragédia do furacão Katrina, que devastou Nova Orleães exactamente um ano antes. Premiado na secção Horizontes do Festival de Veneza, onde teve antestreia europeia, *When the Levees Broke* fecha hoje a 5ª edição do DocLisboa (Culturgest, Grande Auditório, 21.00). Lee explicou-



se em Veneza: "O Katrina marcou para sempre a história dos EUA. Quis fazer qualquer coisa: dar voz a quem o viveu e ainda o vive, na própria pele, todos os dias. Não creio que este documentário seja classificável como um filme simplesmente político, acho que acima de tudo é um filme necessário". E também um trabalho esmagador e justamente indignado sobre a maior catástrofe natural que atingiu os EUA nos últimos 100 anos. ■ - E.B.